

Ocultação e manipulação da notícia: a cobertura da TV Paraíba sobre as ocupações nas instituições de ensino de Campina Grande

Suppression and misinformation of news: the TV Paraíba's coverage on the occupations of educational institutions in Campina Grande

Eveline Regina GONÇALVES¹

Resumo

Esse artigo visa analisar a cobertura do Movimento Ocupa Tudo pelo JPB 2ª Edição da TV Paraíba, afiliada Rede Globo em Campina Grande- PB. No protesto, que aconteceu nacionalmente, estudantes ocuparam várias instituições de ensino contra a PEC 55, medida proposta pelo governo federal que congela os gastos públicos por 20 anos. Nos debruçamos em uma pesquisa qualitativa sobre as edições do dia 09/11/16 e 10/11/16, analisando o conteúdo do jornal e o enquadramento dado ao tema. A partir dessa análise discutiremos os problemas no que diz respeito à manipulação e a ocultação da notícia, temas pertinentes no cenário atual do jornalismo, principalmente no que diz respeito à política.

Palavras- chave: Jornalismo. Política. Manifestações. Ocultação. Manipulação.

Abstract

This paper aims to analyze the coverage of the "Movement Occupy All" by the evening edition of JPB, a newscast of TV Paraíba, Rede Globo's network affiliate in Campina Grande, PB. During the national-scale movement, students took over several institutions to protest against the Constitutional Amendment Draft "55", proposed by Brazil's federal government to freeze public spending for 20 years. We focused on the 11/11/16 and 10/11/16 editions to develop a qualitative research of the newscast content and its framing on the subject. Through this analysis we seek to discuss the problems regarding the manipulation and suppression of news, a very controversial point in current Brazilian journalism, especially when it comes to politics.

Keywords: Journalism. Politics. Protests. Suppression. Manipulation.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: evelinegoncalves1@gmail.com

Introdução

O movimento Ocupa Tudo foi uma mobilização que aconteceu nacionalmente por estudantes contra a proposta de emenda à constituição que tinha como objetivo congelar os gastos da administração pública por 20 anos. A PEC 55, ou a PEC do Teto dos gastos públicos, como ficou conhecida, foi proposta pelo presidente Michel Temer com a justificativa de ser a solução para equilibrar as contas do governo, mas gerou insatisfação popular. Muitas pessoas ficaram temerosas que a PEC colocasse em risco os serviços principais como saúde e educação, já que esses são gastos que historicamente crescem mais que a inflação. A continuidade dos programas sociais também gerou preocupação. E por isso, vários estudantes do país passaram a ocupar as instituições de ensino em protesto contra essa medida.

Em Campina Grande, na Paraíba, o movimento chegou na noite do dia 09/11/16 quando um grupo de estudantes se reuniu na Universidade Federal de Campina Grande- UFCG e decidiu ocupar a instituição. A ação ganhou repercussão na cidade, principalmente pela divulgação de informações e vídeos através da página do movimento no Facebook². Material que foi compartilhado por muitos internautas. No outro dia, a maior escola pública da cidade, o Colégio Estadual da Prata, também foi ocupada. De acordo com a União Nacional dos Estudantes, a UNE, 170 instituições de ensino foram ocupadas em todo país contra a PEC³. Assim, o movimento Ocupa se transformou em uma grande mobilização com a adesão de vários estudantes e populares. Mas como será que a mídia abordou essa ação?

Para responder essa questão de pesquisa no âmbito de Campina Grande, analisamos duas edições do JPB 2ª edição, da Tv Paraíba, afiliada da Rede Globo na cidade. O telejornal que é apresentado por Carlos Siqueira e vai ao ar a partir das 19h10min, é líder de audiência no horário, de acordo com a última pesquisa do Kantar

²Disponível em: <http://www.facebook.com/OCUPA-UFCG-Campina-Grande-202223266891803> acesso em 20 jun. 2017

³ Disponível em [http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/264046/UNE-anuncia-170-universidades-ocupadas-contra-a-PEC-55-\(antiga-241\).htm](http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/264046/UNE-anuncia-170-universidades-ocupadas-contra-a-PEC-55-(antiga-241).htm) acesso em 12 jun. 2017

Ibope Media, divulgada em maio de 2016⁴. E foi justamente por ser o jornal com maior número de telespectadores e conseqüentemente pela possibilidade de manipular boa parte deles, que escolhemos o noticiário como objeto de pesquisa. Nosso objetivo é descobrir o espaço destinado para essa mobilização, a forma como abordaram o tema e se a informação foi repassada para o telespectador sem manipulação. Para isso, analisamos a edição do dia 09/11/16 e do dia 10/11/16 justamente por serem o dia que o movimento começou em Campina, e o dia em que repercutiu nas redes sociais e chegou a uma das maiores escolas públicas da cidade, respectivamente.

O tema dessa pesquisa se torna ainda mais pertinente diante da crise política que é vivenciada no Brasil e do atual debate sobre o papel dos veículos de comunicação nesse contexto. A grande mídia tem o poder de construir consensos e apresentar “realidades” para os telespectadores. É através da televisão, do rádio, dos sites e do jornal impresso que as pessoas se informam e criam opiniões sobre diversos temas. Diante disso, é importante investigarmos como esses temas estão sendo repassados para os telespectadores, entendendo que a notícia passa por um processo de produção e que a Teoria do Espelho inspirada no Positivismo do filósofo francês Auguste Comte já foi desmistificada.

Essa teoria foi a primeira a tentar compreender porque as notícias são como são, ainda no século XIX. De acordo com ela, o jornalismo funciona com um espelho, transmitindo o fato exatamente como ele é, sendo um reflexo do cotidiano. Mas se uma simples narração informal não consegue ser neutra já que é necessário posicionar a ordem dos fatos que serão relatados, com a construção de uma notícia não é diferente. Os jornalistas selecionam entre inúmeros fatos o que será noticiado, fazem uma pauta com um direcionamento para aquele tema, em seguida a pauta é repassada para o repórter que aborda o assunto na reportagem de acordo com sua ótica para que o material seja exibido no jornal seguindo a ordem estabelecida pelo editor. Como pode-se observar para que a notícia chegue até o telespectador ela passa por várias etapas de produção e fica propensa a sofrer algum tipo de manipulação seja por parte da subjetividade dos jornalistas ou da própria linha editorial do veículo.

⁴ Disponível em <http://redeglobo.globo.com/tvparaiba/noticia/2016/05/tv-paraiba-tem-jornalismo-lider-absoluto-de-audiencia-diz-pesquisa.html> acesso em 9 jun. 2017

No que diz respeito a política, esse quadro fica ainda mais grave já que a população não tem contato direto com o meio político e adquire a maior parte do conhecimento sobre esse assunto na mídia. Por isso, é necessário discutirmos até onde os veículos de comunicação conseguem transmitir uma notícia de credibilidade sem manipular a opinião pública e é isso que vamos discutir a partir dessa pesquisa. Primeiro vamos entender o processo de produção de um telejornal e depois vamos nos ater a análise das duas edições do JPB para descobrirmos a forma como as ocupações nas instituições de ensino de Campina Grande foram abordadas pela afiliada da Rede Globo na cidade e as possíveis formas de manipulação existentes na notícia.

Processo de produção de uma notícia x manipulação

Os veículos de comunicação recebem diariamente inúmeras sugestões de telespectadores, órgãos públicos, assessorias de imprensa e de inúmeros outros meios com informações que poderiam ser abordadas no jornal. Além disso, todos os dias acontecem fatos, como: acidentes, homicídios, operações policiais, que também poderiam ser retratados na edição do dia. Mas como os jornalistas decidem o que vai ser exibido? Os fatos passam por um portão seletivo, que é comandado por esses profissionais, para que assim depois dessa seleção ganhem espaço na mídia. Traquina fala sobre esse processo na teoria de *gatekeeper*. De acordo com o autor (2005, p.150):

O processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem que passar por diversos gates, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida.

Para selecionar o que vai ser pautado, o que vai passar pelos portões do *gatekeeper*, os profissionais da imprensa se utilizam de critérios como os valores-notícia. Os valores-notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção [...]. Eles são dinâmicos, mudam em função de aspectos culturais, sociológicos e das tecnologias. (VIZEU, 2005, p.27). Segundo Wolf (1987) os fatos são

selecionados de acordo com os valores-notícia de seleção. Eles são critérios que auxiliam os jornalistas na escolha de alguns temas e conseqüentemente descarte de outros. Wolf ainda separa os valores-notícia de seleção em: critérios substantivos e critérios contextuais. Os critérios substantivos dizem respeito a avaliação da importância do fato, esses são: a morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração e escândalo. Já os critérios contextuais dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento. Trata-se da disponibilidade da equipe de reportagens, do acesso ao local, bem como da parte técnica, por exemplo.

Dessa forma, os jornalistas selecionam o que será apresentado ou não ao público. “Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais vêem certas coisas e não outras, e vêem de uma certa maneira as coisas que vêem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.12). E isso representa o primeiro padrão de manipulação segundo Perseu Abramo (2003). O autor denomina Padrão de Ocultação a ausência de determinados fatos na produção jornalísticas, não por falta de conhecimento e sim por omissão e manipulação.

O padrão de ocultação é decisivo e definitivo na manipulação da realidade: tomada a decisão de que um fato “não é jornalístico”, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência por meio da imprensa. O fato real foi eliminado da realidade, ele não existe. O fato real ausente deixa de ser real para se transformar em imaginário. E o fato presente na produção jornalística, real ou ficcional, passa a tomar o lugar do fato real e a compor, assim, uma realidade diferente da real, artificial, criada pela imprensa. (ABRAMO, 2003, p. 26)

Selecionados os fatos que serão noticiados no jornal, os jornalistas passam a decidir em qual formato ele será noticiado. E como acontece na primeira seleção, a dos assuntos, os critérios residem na subjetividade dos profissionais e na linha editorial do veículo. Os assuntos são divididos em reportagem (detém um maior tempo no jornal), nota coberta (narração com imagens ilustrando o fato), nota simples (apenas narração), entrada ao vivo ou entrevista. E como no jornalismo o espaço é limitado, mesmo que o fato seja retratado em uma reportagem, ele não será abordado em sua totalidade. Tanto no jornal impresso pela quantidade de páginas quanto no rádio e na televisão pelo

tempo disponível, muitos desdobramentos do tema que foi selecionado deixam de ser tratados. O repórter seleciona um ângulo do fato, diante de inúmeros outros, e constrói a notícia. Além disso, na etapa da edição da reportagem, muito do que foi colhido pelo repórter pode ser descartado, dependendo do tempo e do espaço que os editores tenham para veicular a reportagem. Perseu Abramo (2003, p.27) vê nesse descarte outra etapa de manipulação e denomina de Padrão de Fragmentação. Para ele:

O todo é estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados entre si, despojados de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus consequentes no processo em que ocorrem, ou reconectados e revinculados de forma arbitrária e que não corresponde aos vínculos reais, mas a outros ficcionais e artificialmente inventados.

Para que essa informação, mesmo fragmentada como denomina Abramo, seja veiculada em uma matéria jornalística são necessárias as fontes, que são as vozes da notícia. Elas são primordiais, já que testemunham, descrevem ou comentam o ocorrido. Existem várias categorias de fontes. Segundo Charaudeau (2006), elas podem ser internas as mídias (correspondentes, enviados especiais, arquivos próprios); externas as mídias e institucionais (Estado- Governo, políticos, administrações, organizações sociais) e externas as mídias e não institucionais (testemunhas, especialistas, representantes). Com essa grande gama de fontes disponíveis, os jornalistas também decidem, de acordo com seus critérios, a qual delas vão dar espaço na reportagem. Se as passagens de ônibus ficarem mais caras na cidade, por exemplo, são os jornalistas que decidem se escutam a população que está sofrendo com o aumento, ou o responsável pelo transporte urbano pra justificar o reajuste, ou o moto-taxista que está registrando maior movimentação com o fato. Inúmeras outras vozes poderiam aparecer no exemplo da reportagem sobre o reajuste nas passagens e é o jornalista que decide quais delas serão retratadas. De acordo com Charaudeau (2006, p.149) esse processo implica diretamente no resultado final da notícia, já que:

Tais fatos influem na credibilidade, produzindo efeitos diversos: efeito de evidência quando a fonte não é citada, mas com o risco de

prejudicar a instância de informação se o receptor quiser saber de onde vem a informação sem obter resposta; efeito de verdade e de seriedade profissional se a fonte é identificada com precisão ou se é identificada com prudência sob o modo provisório, da espera de verificação; efeito de suspeita, se a identificação se faz de maneira vaga, anônima ou indireta.

Ainda segundo Charaudeau, ao selecionar uma fonte e descartar as outras, “a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo” (CHARAUDEAU, 2006, p.151). E por isso o autor chama o universo da informação de universo construído, já que a notícia passa por vários processos, onde os próprios jornalistas vão moldando a informação até que ela chegue ao telespectador.

O enquadramento dado na reportagem é outro processo pelo qual passa a notícia. Depois de selecionado o tema, a forma como será abordado e as fontes, a pauta é passada para o repórter e durante a execução da mesma ele dá um direcionamento ao assunto, o enquadramento. “No jargão dos jornalistas, este seria o ângulo da notícia, o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca elementos de uma realidade em detrimento de outros” (PORTO, 2002, p.15). Porto fala do enquadramento como importante instrumento de poder já que pode manipular a notícia através do texto, dos símbolos e dos discursos verbais e não verbais, podendo assim consequentemente manipular a opinião do telespectador. Para exemplificar o poder do enquadramento nesse contexto, o autor se utiliza de um exemplo dos sociólogos Kahneman e Tversky (1984, 1986) em um trabalho no campo da psicologia cognitiva. No seu texto, Porto (2002, p.4) relata que durante um experimento os sociólogos:

Pedem aos participantes para imaginar que os Estados Unidos estavam se preparando para a eclosão de uma epidemia de uma doença estranha proveniente da Ásia que deveria matar 600 pessoas. Os autores pedem as pessoas para optar entre dois programas que teriam sido propostos para combater a doença. Para um grupo de pessoas, o primeiro programa é apresentado como o que salva 200 pessoas, quanto o outro grupo o mesmo programa é apresentado como provocando a morte de 400 pessoas. Apesar do fato de que as alternativas são idênticas (em um universo de 600 possíveis mortes, salvar 200 pessoas ou provocar

a morte de 400 é a mesma coisa) o primeiro programa foi escolhido por 72% das pessoas do primeiro grupo e somente 22% do segundo.

Esse exemplo citado por Porto reforça o poder do enquadramento já que demonstra que a partir dele as pessoas podem se posicionar contrárias ou a favor de um mesmo fato. A mesma coisa acontece com as notícias. A notícia pode ser relatada de várias maneiras e cada uma delas influenciará de uma forma diferente a opinião pública, pois de acordo com a teoria do *agenda setting*, proposta por Shaw e McCombs (1979) “os meio de comunicação influenciam a projeção dos acontecimentos na opinião pública, configuram à realidade social um pseudo-ambiente” (RODRIGUES, 2002, p. 25). Segundo essa teoria, a mídia pauta o que as pessoas pensam e discutem a partir do que ela retrata e da forma como ela retrata as notícias no jornal. “Tanto a seleção dos objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis do *agenda setting*” (RODRIGUES, 2002, p. 27). Além disso, a ordem que as notícias são apresentadas ao telespectador também faz parte desse processo de agendamento. Os editores do jornal priorizam alguns fatos em detrimento de outros para chamar a atenção do público e as notícias são exibidas seguindo a ordem estabelecida pelos profissionais.

Como pode-se perceber desde a decisão do que será noticiado até a ordem em que as reportagens são exibidas, a notícia passa por inúmeros processos de produção que podem manipular e distorcer o resultado final. A escolha da fonte, a forma como o tema é retratado e o enquadramento são apenas alguns dos fatores que podem influenciar a opinião pública dependendo do direcionamento dado pelos jornalistas, por isso é importante estudarmos como esses profissionais abordam temas relevantes para a sociedade, a exemplo das ocupações nas instituições de ensino como forma de protesto contra a PEC 55. E é isso que vamos desvendar a partir de agora analisando a cobertura da TV Paraíba, em Campina Grande.

Análise da cobertura do JPB 2º edição

Para elucidar essa questão de pesquisa analisamos duas edições do JPB 2ª edição da Tv Paraíba, afiliada da TV Globo em Campina Grande. Selecionamos a edição do dia 09/11/2016 data em que os estudantes decidiram ocupar a Universidade Federal de Campina Grande, e a edição do dia 10/11/2016 quando as ocupações repercutiram nas redes sociais e que os estudantes resolveram estender o movimento para o Colégio Estadual da Prata. Assistimos ao vivo o conteúdo e para uma análise mais profunda, vimos novamente todo o material que é disponibilizado pelo site do G1 Paraíba⁵. Procuramos descobrir o espaço destinado ao tema e como o assunto foi retratado no telejornal a partir de uma análise das imagens e do texto utilizado.

Na edição do dia 09/11 o telejornal não noticiou as ocupações, embora a votação para deflagrar o movimento em Campina Grande estivesse acontecendo simultaneamente a exibição do noticiário. É costumeiro no telejornal entradas ao vivo quando algo está acontecendo durante o noticiário, mas não foi o que aconteceu nesse dia. O movimento dos estudantes foi assim ocultado do jornal como denomina Abramo (2003). Um dos destaques do dia foi um assalto a um empresário da cidade e uma paralisação dos policiais civis. O jornal ainda exibiu uma matéria sobre picada de escorpião, um tema que não é factual e que poderia ser retratado nos dias seguintes sem prejuízos para o telespectador. Uma matéria sobre um curso de artesanato ecológico também foi ao ar nesta edição ocupando o tempo que poderia ter sido destinado a falar sobre a mobilização que estava chegando na cidade e que protestava contra uma medida de interesse da população.

Dessa forma, uma pessoa que não tem acesso as redes sociais ou não faz parte do grupo de manifestantes não faria ideia que essa mobilização estava chegando na cidade e quais eram as reivindicações do movimento. Como é enfatizado por Abramo (2003), “o leitor/ espectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha de uma coisa que ele desconhece, porque o seu conhecimento lhe foi oculto, negado e

⁵Disponível em <http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-2edicao/videos/> Acesso em 19 maio 2017.

escamoteado” (ABRAMO, 2003, p.31). Assim, os jornalistas dão destaque a um determinado tema, pelo processo de *gatekeeper*, levando em consideração muitas vezes critérios subjetivos ou a linha editorial do jornal e colocam em risco o acesso a informação por parte do telespectador como aconteceu nesse caso, onde uma mobilização nacional deu espaço a matérias frias que poderiam ser exibidas em outras edições.

No jornal do dia 10/11 o movimento foi noticiado, mas apenas 24 segundos foram destinados ao tema. Foi exibida unicamente uma nota coberta, quando o apresentador narra o fato com o uso de imagens, no final do primeiro bloco. Os jornalistas mais uma vez ocultaram a ocupação da Universidade Federal de Campina Grande, a primeira e com um maior número de participantes. Nos 24 segundos que destinaram ao assunto no telejornal abordaram apenas o movimento no Colégio Estadual da Prata que tinha começado naquele dia e era apenas um desdobramento da ocupação da universidade.

Além do pouco tempo disponibilizado ao tema e omissão a ocupação na UFCG, o texto utilizado também dá indícios de manipulação. “Os alunos estão protestando contra a PEC que limita os gastos públicos e contra o projeto de lei Escola Sem Partido”, essa foi uma transcrição do trecho da nota coberta que fala sobre as reivindicações do movimento. Os jornalistas apenas citaram alguns dos objetivos da ocupação, mas não se preocuparam, por exemplo, em explicar que PEC é essa que está preocupando os estudantes. Um telespectador que não costuma acompanhar jornais poderia não saber do que se trata essa PEC ou o projeto de Lei Escola Cidadã que também foi citado sem maiores explicações.

A nota ainda enfatizou que a ocupação impediu as aulas na maior escola pública da cidade: “A previsão do movimento é encerrar as atividades na próxima terça-feira. Durante esse período, com as aulas suspensas, cerca de 1400 alunos vão ficar sem aula”, narrou o apresentador do telejornal. Mas de acordo com uma nota divulgada pelos coordenadores do Ocupa no Facebook para explicar o movimento depois da primeira ocupação⁶, ficou decidido que o protesto não atrapalharia as atividades eletivas. Então,

⁶ Disponível em

<https://www.facebook.com/202223266891803/photos/a.202262460221217.1073741828.202223266891803/202465090200954/?type=3&theateracesso> Acesso em 10 jun. 2017

baseado em que os jornalistas noticiaram a informação de que as aulas foram suspensas? Quais fontes foram ouvidas? Na nota lida pelo apresentador não aparece a citação de nenhum representante da ocupação ou mesmo da escola sobre problemas com o calendário eletivo. Ouvir todos os lados do fato é papel do jornalista e uma das primeiras etapas da apuração da notícia. “A instância de produção tem, pois, uma dupla responsabilidade: a de obter os meios e aceder a um máximo de fontes possíveis, verificá-las e apresentá-las” (CHARAUDEAU, 2006, p. 148).

A nota ainda deixa várias outras perguntas sem respostas, como por exemplo o número de pessoas que participam do movimento, quais as atividades dos participantes durante a ocupação, como ele foi deflagrado e a importância de Campina Grande aderir a essa mobilização nacional. Inclusive no texto narrado pelo apresentador também não cita que essa ação estava acontecendo em várias outras instituições de ensino do país, e como também não aborda a ocupação na UFCG, o movimento em Campina pode ter se tornado isolado e pequeno aos olhos do telespectador.

Além de todos esses indícios de manipulação com relação ao tempo e ao texto da nota, as imagens que foram usadas para ilustrar a notícia podem ter deturpado o movimento para quem assistiu o telejornal. Enquanto o apresentador narrava foram exibidas imagens que não mostravam as atividades e os debates que eram realizados pelos integrantes durante a ocupação, mas retratavam o movimento como uma ação de vandalismo, como podemos observar nas figuras a seguir.

Figura 1: Imagem exibida pelo telejornal



Fonte: Captura de tela da nota coberta disponível no site do G1 Paraíba

Figura 2: Imagem exibida pelo telejornal



Fonte: Captura de tela da nota coberta disponível no site do G1 Paraíba

Figura 3: Imagem exibida pelo telejornal



Fonte: Captura de tela da nota coberta disponível no site do G1 Paraíba

Figura 4: Imagem exibida pelo telejornal



Fonte: Captura de tela da nota coberta disponível no site do G1 Paraíba

Na figura 1 é possível ver um homem que supostamente parece estar brigando com o repórter cinematográfico. A imagem associa agressividade aos manifestantes. A figura 2, de um jovem subindo ao palco do auditório da escola sem usar a escada, e a figura 3, de estudantes sentados em cima de uma mesa, dão um ar de vandalismo ao movimento, como se os integrantes estivessem deteriorando o patrimônio público. Na figura 4 a imagem de um cadeado reforça o texto lido pelo apresentador de que os manifestantes proibiram a entrada dos alunos na unidade de ensino. Embora seja uma imagem fechada e não dê para identificar onde o cadeado foi colocado, como na nota lista no telejornal não diz o posicionamento do movimento de que não atrapalharia as aulas, a imagem do cadeado é logo associada a porta de frente da escola. Além disso, a filmagem mostra ainda em todos os ângulos um pequeno número de manifestantes, o que pode representar uma tentativa de diminuir o movimento se levarmos em consideração também que a ocupação da Universidade Federal de Campina foi a primeira na cidade, tinha um número maior de participantes e não foi retratada pelo jornal.

Conclusão

Nesse estudo constatamos que a mídia tem o poder de enquadrar a informação de vários ângulos, através do processo de produção da notícia que vai desde a seleção dos fatos que serão pautados até a exibição. No caso analisado, observamos que a cobertura do jornal não condiz com a realidade das ocupações em Campina Grande. Encontramos indícios de manipulação no próprio texto da nota coberta, em informações que foram ignoradas, em outras equivocadas, e nas imagens selecionadas que deturpavam a finalidade do movimento. Além disso, a emissora ocultou a ocupação na Universidade Federal de Campina Grande, a primeira na cidade e onde o número de participantes era maior. Dessa forma, o telespectador que assistiu as edições analisadas pode ter recebido e propagado uma informação errada ou até mesmo ter ignorado a importância da mobilização justamente pela forma como a notícia foi manipulada. “A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi

artificialmente criado para ele justamente a fim de que ele se mova no mundo irreal” (ABRAMO, 2003, p. 24).

E para que as pessoas saiam desse “mundo irreal” denominado por Abramo (2003), pesquisas que desvendem o que existe por trás da notícia são relevantes. É necessário que os telespectadores tomem conhecimento a partir desses estudos que o que é exibido pela mídia não é uma verdade absoluta e que devem checar toda informação, já que “o jornalismo coloca a si próprio na posição de juiz da veracidade e da correção dos discursos e das práticas políticas” (MIGUEL, 2004, p.255).

Apesar da nossa pesquisa apontar indícios fortes de manipulação da notícia, o tema está longe de ser esgotado. O fazer jornalístico tem várias outras ferramentas e instâncias de produção que podem colocar em risco a veracidade da informação e que devem ser estudadas. O trabalho dos jornalistas abre possibilidade para outros estudos que investiguem o porquê das notícias não serem exibidas com mais imparcialidade e descubram quais os fatores que contribuem para isso se é realmente a própria dinâmica da atividade, ou fatores externos como interesses pessoais e do veículo de comunicação.

Além disso, é necessário desvendar o impacto dessa notícia manipulada para os telespectadores, principalmente com relação as notícias sobre política por se tratar de um tema onde as fontes oficiais são de difícil acesso e o noticiário acaba sendo a principal forma das pessoas se informarem. Nesse caso pesquisado, os telespectadores não receberam a informação real sobre as ocupações e podem ter feito um julgamento errado da mobilização e das reivindicações em debate. E se uma notícia pode mudar a opinião pública, no caso da política isso é ainda mais grave porque pode mudar a ideologia partidária e até o voto que traz consequências para toda população. Diante da instabilidade política que se instaurou no país, informações manipuladas podem ter consequências irreversíveis tanto para o governo quanto para a sociedade e por isso discussões e pesquisas que abordem essa temática se tornam cada vez mais necessárias.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **A construção da notícia**: um mundo filtrado. In: _____.
Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-142.

MIGUEL, Luís Felipe. **Discursos cruzados**: telenoticiários, HPEG e a construção da agenda eleitoral.
In: Sociologias, nº 11, Porto Alegre, 2004.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. In: XXVI Encontro da ANPOCS, 2002.

RODRIGUES, Madalena Rehbein. **Imprensa e Congresso Como a mídia pauta a política**.
Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de publicações, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – porque as notícias são como são. 2. ed.,
Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1987.

TEORIA DO AGENDAMENTO (AGENDA-SETTING). Disponível em:
<http://teoriadojornalismouniube.blogspot.com.br/2010/11/teoria-do-espelho.html>.
Acesso em 21 dez. 2016